

A CRIANÇA AUTISTA: EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Beatriz Andrade dos Santos¹; Cristiane de Fátima Costa Freire.²
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - beatrizandradesantos2@gmail.com¹;
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - crisenem8@hotmail.com.²

Resumo

O autismo é um transtorno do desenvolvimento global (TGD) que vem sendo discutido com maior intensidade a pouco tempo, por isso a suas características principais, diagnóstico e intervenção clínica e educacional apresentam poucos estudos precisos. O índice de crianças diagnosticadas com autismo vem crescendo nos últimos anos e com esse crescimento vem surgindo na sociedade mais debates referentes ao autismo e suas especificidades. O ambiente educacional e a educação inclusiva buscam discutir métodos de intervenção que possibilitem um melhor desenvolvimento da criança, para que ela avance nas suas habilidades e capacidades comunicativas, interativas e cognitivas e que possa ser incluída na sala de ensino regular. Dessa forma, no presente trabalho objetivamos despertar para a sociedade em geral, para os educadores e familiares o levantamento da discussão sobre o processo de inclusão da criança autista no desenvolvimento do ensino-aprendizagem, isto é, os desafios que são enfrentados pelas crianças autista durante o seu processo de aprendizagem e quais são as estratégias adequadas e mais utilizadas para o desenvolvimento das capacidades e habilidades da criança com autismo. Para melhor fundamentarmos o referido estudo, realizamos o levantamento de alguns referências teóricos que vieram de encontro com as discussões realizadas no presente trabalho, e possibilitaram um melhor embasamento nas discussões realizadas. Portanto, ao longo do presente estudo procuraremos abordar sobre o como ocorre o diagnóstico do autismo, quais suas principais características, a reação da família que tem uma criança diagnosticada com autismo e como construir uma escola inclusiva, que possibilite o desenvolvimento da criança autista.

Palavras-chave: Autismo, Família, Inclusão, Ensino-aprendizagem.

Introdução

O presente trabalho centraliza-se na discussão sobre o processo de inclusão da criança autista no desenvolvimento do ensino-aprendizagem, isto é, os desafios que são enfrentados pelas crianças autista durante o seu processo de aprendizagem e quais são as estratégias adequadas e mais utilizadas para o desenvolvimento das capacidades e habilidades da criança com autismo.

Assim, discorreremos sobre as características da criança autista, como é realizado o diagnóstico e a importância da família para que a criança evolua no desenvolvimento das suas capacidades motoras, comunicativas, interacionais e cognitivas, além de ressaltarmos a importância de a criança autista está incluída na sala de aula e tenha o acompanhamento com um professor do

atendimento educacional especializado (AEE) que contribuía junto com o professor da sala regular para o desenvolvimento educacional e a conquista da autonomia e da independência do autista.

O trabalho surgiu da necessidade de refletir sobre o processo de inclusão da criança autista na escola e como se dá o processo de ensino-aprendizagem da criança com autismo e do desejo de realizar uma discussão teórica acerca dos métodos de intervenção utilizados para que as crianças com o transtorno do espectro autista possam desenvolver suas capacidades e habilidades.

Tendo em vista o objetivo proposto, realizamos inicialmente um levantamento de referências teóricas e documentos de alguns autores que discutem sobre o autismo e a educação inclusiva, que podemos citar como exemplo MELLO (2004), que traz em suas discussões aspectos importantes sobre o autismo, BRASIL (2011) que discute sobre o processo da construção de uma educação inclusiva com base no que a lei assegura, CUNHA (2015) que discute sobre questões educacionais da criança com transtorno do espectro autista e (MANTOAN, 2003) que vem discutir sobre a inclusão e a integração da criança com necessidades educacionais especiais no ambiente escolar, tais teóricos contribuíram de forma significativa para o embasamento da nossa escrita no presente artigo.

Metodologia

Tendo em vista os objetivos previamente apresentados neste artigo que foram de discutir sobre as características, diagnóstico e aceitação da família da criança que é diagnosticada com o transtorno do espectro autista, além de discutirmos sobre a educação inclusiva e sobre a intervenção educacional no processo de ensino-aprendizagem da criança com autismo. Nessa perspectiva, buscamos construir uma discussão fundamentada diante da temática, para isso realizamos uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico com a análise de referenciais teóricos que abordam o tema em discussão, onde realizamos um diálogo com os autores das obras e/ou artigos científicos citados, objetivando contribuir para a área de debate da educação inclusiva.

Dessa forma, segundo Gil (apud BRASILEIRO, 2013, p.2) “[...] a pesquisa tem um caráter pragmático, é um ‘processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos’”, sendo assim, a presente pesquisa bibliográfica realizada para a construção do presente artigo científico tem como principal objetivo instigar uma reflexão sobre a importância de se discutir sobre o autismo e o processo de inclusão da criança autista no ambiente escolar.

Resultados e discussões

Definido o Autismo

O autismo é um transtorno global no desenvolvimento (TGD), os seus sintomas estão principalmente relacionados a dificuldades na área da comunicação e interação social, mas torna-se importante ressaltarmos que o autismo é uma síndrome que se caracteriza por inúmeros sintomas, sendo representado por um conjunto de déficits que envolve o desenvolvimento das capacidades e habilidades dos sujeitos.

O transtorno do espectro autista define-se por alterações precoces, em que as características do autismo podem ser identificadas nos primeiros anos de vida da criança, em que geralmente percebe-se algumas características atípicas no comportamento infantil até os 3 anos de idade, no qual muitas vezes, desperta a atenção, principalmente das pessoas que estão em contato mais próximo com o indivíduos, sejam eles cuidadores, pais, professores ou familiares que identificam características comportamentais específicas e diferentes no sujeito, no qual geralmente busca-se rapidamente identificar qual a necessidade especial que essa criança apresenta, para que possa ser encontrada respostas para as ações realizadas pela criança autista.

As causas do autismo são desconhecidas, acredita-se que sua origem esteja relacionada a fatores de anormalidades na parte do cérebro, sendo provavelmente de origem genética. Além disso, admite-se que existam possibilidades de o autismo estar relacionado a problemas durante a gestação ou complicações no momento do parto. A algumas décadas existia a hipótese de o autismo ser relacionado a rejeição afetiva da mãe ao seu filho, mas essa hipótese já foi descartada a um bom período.

O diagnóstico do autismo deve ocorrer por meio de profissionais especializados, com formação em medicina e especialização para na área do transtorno no desenvolvimento global. Nessa perspectiva, o diagnóstico do autismo é conquistado principalmente por meio de relatório clínico, mas não existem exames específicos para a identificação do autismo. Existem variados sistemas de diagnósticos para a classificação do autismo, podemos citar como um dos exemplos mais clássicos, “[...] o Manual de Diagnóstico e Estatística de Doenças Mentais da Academia Americana de Psiquiatria, ou DSM-IV [...]” (MELLO,2004, p. 24), ou seja, essa ferramenta para o diagnóstico do autismo é uma das mais utilizadas e que possui maior repercussão nos casos de análise e diagnóstico do transtorno do espectro autista. É importante ressaltarmos que quando mais



precoce for o diagnóstico do indivíduo autista, maiores serão suas possibilidades de desenvolvimento. É importante ressaltarmos que:

[...] o autismo é um distúrbio do comportamento que consiste em uma tríade de dificuldades: 1. Dificuldade de **comunicação** - caracterizada pela dificuldade em utilizar com sentido todos os aspectos da comunicação verbal e não verbal. [...] 2. Dificuldade de **sociabilização** – [...]. Significa a dificuldade em relacionar-se com os outros, a incapacidade de compartilhar sentimentos, gostos e emoções e a dificuldade na discriminação entre diferentes pessoas. [...] 3. Dificuldade no uso da **imaginação** - se caracteriza por rigidez e inflexibilidade e se estende às várias áreas do pensamento, linguagem e comportamento da criança. [...] (MELLO, 2004, p.20-21).

Ou seja, o indivíduo que possui o transtorno do espectro autista, apresenta dificuldades em sua comunicação, sendo assim, de acordo com o grau de severidade do autismo a criança pode não se comunicar por meio da fala, ou seja, existe a ausência da fala ou se o grau for mais leve podemos encontrar dificuldade de comunicação por outras vias como nos gestos, a ausência de expressão fácil. Uma das características marcantes na comunicação de crianças autista é a existência da ecolalia imediata, em que a criança reproduz a fala presencia de forma mecânica, no momento em que a ouve, ou a ecolalia tardia no qual a criança reproduz a fala ouvida horas ou dias depois.

A dificuldade de socialização faz com que a criança autista tenha uma de ter consciência sobre a outra pessoa, ela pode até se socializar com as pessoas através de abraços, beijos, brincadeiras, mas a criança tem dificuldade de interagir com o outro e de se colocar no lugar de outras pessoas. A dificuldade de imaginação é representada pela dificuldade de a criança desenvolver uma imaginação ao brincar, conversar, interagir, o que acaba repercutindo em brincadeiras, movimentos e gestos repetitivos que são comuns em muitas crianças com autismo. O nível de dificuldade, seja ela de comunicação, socialização ou imaginativa apresentado pela criança diagnosticada com autismo, será definido pelo nível do autismo que a criança está incluída.

O autismo pode ser classificado em leve (Nível 1), moderado (Nível 2) e severo (Nível 3) em que definirá o grau de dificuldades que o indivíduo com diagnóstico do espectro autista terá no desenvolvimento de suas funções psicológicas, sociais e motoras.

O grau leve (Nível 1) a criança não necessita tanto do apoio da família na realização das funções básicas, pois muitas de suas habilidades e capacidades são preservadas. O grau moderado (Nível 2) a criança necessita de um apoio/ajuda considerável, pois algumas das suas necessidades básicas, como a comunicação, interação social são limitadas, sendo mais difícil o seu desenvolvimento de forma individual. O grau severo (Nível 3) a criança necessita do apoio da



família e de especialista de forma bastante intensa, pois quase todas as suas habilidades, tanto de comunicação, socialização e de imaginação são comprometidas de forma brusca, sendo assim, a criança necessita de acompanhamento de especialistas de forma constante para que possa desenvolver suas capacidades e habilidades.

A criança que é diagnosticada como o espectro autista tem a necessidade de ser acompanhada por inúmeros especialistas que irão contribuir para que a criança possa desenvolver suas capacidades comunicativas, interativas e cognitivas, possibilitando que a criança autista possa construir uma autonomia e viver conforme desejar, construindo-se profissionalmente e pessoalmente ajudando a construir a sociedade no qual está inserido.

Nessa perspectiva, é importante o diagnóstico precoce da criança, pois quanto mais cedo ela for diagnosticada terá a oportunidade de desenvolver-se, e para isso a criança necessita do apoio e cuidado dos seus familiares, mas principalmente de seus pais.

O diagnóstico da criança autista: realidade a ser enfrentada pela família

A criança que nos primeiros anos de vida apresenta um comportamento inadequado, e que é percebido pela família, mas principalmente pelos pais torna-se um fator preocupante para a família, pois não se espera que seu filho seja “diferente”, dessa forma, os pais entram em choque e vão buscar respostas que expliquem qual é a necessidade especial que seu filho ou filha apresenta, mas sempre surge a angústia, preocupação, o “luto” pela perda dos sonhos, objetivos e projetos de vida projetados pelos pais para seu filho e para sua família, que a princípio são desconstruídos, e entra em cena uma nova realidade a ser vivenciada pela família da criança que apresenta alguma deficiência.

Ao descobrir o diagnóstico de autismo, muitos pais ficam desesperados, por conhecerem pouco sobre o autismo e terem uma visão muito conturbada do que seria uma criança autista. Nessa perspectiva como afirma (MELLO, 2004, p. 32) “É natural que o momento do diagnóstico de autismo seja um momento doloroso. Nesta hora, você não está perdendo fisicamente seu filho, mas está perdendo, com certeza, parte de seus sonhos e planos para seu filho, o que é extremamente doloroso. [...]”, sendo assim, no primeiro momento a família que recebe o diagnóstico da criança autista vive um período de ‘luto’ e aceitação da necessidade especial da criança, até que a família possa compreender que é possível a criança autista viver, construir-se enquanto sujeito, que a

mesma necessita de acompanhamento especializado para que possa desenvolver suas capacidades e habilidades.

Em um primeiro momento, após a família receber o diagnóstico do espectro autista há um período de aceitação, de sofrimento por parte da família, em que muitas vezes quer retirar a criança da sociedade, não permitindo que a mesma frequente escola, supermercados, casa de amigos, e superprotege a criança, objetivando que ninguém descubra que a criança é especial, essa fase é muito delicada, pois impossibilita que a criança se desenvolva, levando em alguns casos, na intensificação das dificuldades de comunicação, interação e imaginação da criança autista.

A família ao perceber que será possível que a criança autista viva incluída na sociedade e que é possível a criança autista evoluir, começa a construir novos sonhos e projetos de vida para a criança e para a família, e a partir desse momento começa a ser trilhado um novo caminho e a família começa a se reerguer e vivenciar momentos felizes novamente.

Nessa perspectiva, é importante ressaltarmos que a família é peça fundamental para o desenvolvimento das capacidades e habilidades da criança autista, pois se os pais aceitarem a necessidade especial de seu filho, compreendê-la e lutar para que seu filho possa evoluir, irá contribuir significativamente com os profissionais que juntos irão trabalhar para o desenvolvimento da criança e para que a mesma possa viver uma vida saudável e feliz ao lado de seus amigos, professores e familiares.

Entre a exclusão e inclusão da criança no sistema de ensino: o ensino regular e o atendimento educacional especializado (AEE)

O ambiente escolar deve incluir a criança que apresente qualquer tipo de necessidade educacional especial, e os professores devem estar preparados para receber, incluir e desenvolver as capacidades da criança com alguma deficiência, seja ela, física ou intelectual.

A educação inclusiva “[...] é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. [...]” (BRASIL,2011, p.1), ou seja, a educação que realmente é inclusiva será aquela que possibilita que todas as crianças, independentemente de suas diferenças, possam juntas, em um mesmo ambiente educacional construir seus conhecimentos.

Historicamente a educação voltada para crianças com necessidades educacionais especiais eram realizadas por meio de sala de aula de atendimento educacional especializado, privando as



crianças com algum tipo de deficiência de estarem inseridas em sala de aula de ensino regular, sendo assim, as crianças não eram incluídas ao sistema de ensino, mas apenas integradas, em que era apenas ofertada a educação, mas não possibilitava que a criança estivesse em sala de aula, que possibilitasse o contato direto com crianças inseridas no ensino regular.

Atualmente, as crianças que apresentam alguma necessidade educacional especial têm o direito de estudar em uma sala de aula de ensino regular e tem a oportunidade de no contraturno ter um acompanhamento educacional especializado com professores capacitados, nas salas de recursos multifuncionais.

Mas, a inclusão em sala de aula muitas vezes não acontece, pois, “os professores do ensino regular consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças na sala de aula, especialmente atender os alunos com deficiência [...]” (MANTOAN, 2003, p.14), ou seja, os educadores do ensino regular não se sentem preparados para atenderem alunos com necessidades especiais, compreendendo assim, que cabe ao professor especializado a alfabetização e inclusão das crianças com deficiências ou necessidades educacionais especiais.

A formação do professor para a inclusão de todos na educação é de suma importância, pois através de seus conhecimentos o educador poderá realizar seu trabalho em uma perspectiva inclusiva. O professor responsável pelo atendimento educacional especializado deve “ [...] ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. [...]” (BRASIL, 2011, p.13), sendo assim, o profissional da educação responsável pelo atendimento na sala de recursos multifuncionais tem que ter formação inicial para a docência e apresentar conhecimentos específicos na área da educação inclusiva.

Sendo assim, para que conquistemos uma educação inclusiva faz-se necessário que “ os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e a comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os estudantes. [...]” (BRASIL, 2011, p.13), sendo assim, é necessário que a educação construa um ambiente propício para que todas as crianças, independentemente de suas diferenças sejam incluídas no sistema de ensino, tendo as mesmas oportunidades de aprendizagem das crianças tidas como “normais”.

O processo de ensino- aprendizagem da criança autista



A criança autista apresenta uma maneira singular de aprender, diferente das crianças que não apresentam nenhuma necessidade educacional especial que aprendem por meio da absorção de informações ou pela repetição, a criança com autismo necessita de estratégias específicas para que desenvolva suas capacidades cognitivas, pois existe uma relação diferente entre o cérebro e os sentidos, e as informações que nem sempre se tornam conhecimento.

Nessa perspectiva, ao educar uma criança autista o professor deve ser paciente e não esperar por resultados imediatos, pois o processo de aprendizagem das crianças autistas é mais lento do que as crianças que não tem autismo. Por isso “ [...] o grande foco na educação deve estar no processo de aprendizagem e não nos resultados, pois, nem sempre, eles virão de maneira rápida e como esperamos. (CUNHA, 2015, p.32).

A relação existente entre o professor tanto da sala comum quanto do professor da sala de atendimento especial com o aluno autista deve ser especial. Dessa forma, “ [...] O professor precisa aprender a se relacionar com a realidade do mundo autista. Nessa relação, quem aprende primeiro é o professor e que vai ensinar-lhe é o seu aluno” (CUNHA, 2015, p.33).

Sendo assim, o professor necessita construir um laço especial com a criança autista, para que ambos possam construir um bom relacionamento, e para que isso seja possível o professor deve ser sensível, para compreender as singularidades do autista, e aos poucos possa ir construindo saberes e encontrando a permissão para construir os conhecimentos necessários com a criança autista.

Os conhecimentos que serão construídos com a criança autista são diferentes dos saberes que são repassados para alunos que não apresentam necessidades educacionais especiais, pois as estratégias e os conhecimentos que serão ensinados ao autista visando que o mesmo possa construir, a princípio, sua autonomia e para que depois sejam construindo conhecimentos que possibilite o seu avanço cognitivo.

As atividades que serão desenvolvidas com as crianças autistas de acordo com Cunha (2015) devem apresentar caráter terapêutico, afetivo, social e pedagógico. Terapêutico que possibilite o autista superar os seus comportamentos inadequados e repetitivos. Afetivo construir um vínculo afetivo entre professores, alunos e espaço escolar. Social propiciar que o aluno autista interaja por meio de atividades em grupo, para que o mesmo possa se socializar com as demais crianças. Pedagógico tem de ser realizadas atividades que possibilitem o desenvolvimento de habilidades como a aprendizagem no espaço escolar.



Um dos tipos mais usados de intervenção educacional na criança com autismo é o Tratamento e educação para crianças autistas e com distúrbios correlatos da comunicação (TEACCH), o mesmo foi desenvolvido nos anos 60 no departamento de psiquiatria da faculdade de Medicina da Universidade da Carolina do Norte, Estados e foi idealizado e desenvolvido por Dr. Eric Schoppler e nos dias atuais é um dos programas de intervenção mais utilizado no mundo inteiro.

O método TEACCH “[...] utiliza uma avaliação chamada PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) para avaliar a criança, levando em conta os seus pontos fortes e suas maiores dificuldades, tornando possível um programa **individualizado**. ” (MELLO, 2004, p. 36), ou seja, o referido método de intervenção realiza a princípio um teste individual da criança com autismo para que posasse identificar quais as maiores dificuldades da criança, em que a partir da identificação de tais dificuldades possa ser elaborado um plano de atividades que atenda às necessidades individuais de determinada criança.

O TEACCH que se baseia na organização do ambiente físico no qual serão realizadas as atividades de intervenção com a criança autista, em que o espaço é organizado através de rotinas como: organização em quadros, painéis ou agendas das tarefas que deverão ser realizadas diariamente com as crianças autistas, sendo assim, o ambiente deve ser organizado de maneira que a criança se sinta bem e possa realizar suas tarefas, compreendendo a dinâmica do espaço em que está inserido. É importante que a criança saiba o que se espera dela.

Nessa perspectiva, “[...]. Através da organização do ambiente e das tarefas da criança, o TEACCH visa desenvolver a independência da criança de modo que ela necessite do professor para o aprendizado, mas que possa também passar grande parte de seu tempo ocupando-se de forma independente. ” (MELLO, 2004, p. 36), sendo assim, o programa de intervenção do TEACCH objetiva que a criança autista conquiste sua autonomia e independência, mas que também possa desenvolver suas habilidades motoras, de comunicação, de interação e cognitivas.

Considerações finais

O transtorno do espectro autista é uma necessidade especial que surgiu a pouco tempo, por isso suas causas, sintomas, diagnóstico e métodos de intervenção ainda encontram-se em estudo. O autista é uma criança que necessita do acompanhamento clínico e educacional especializado para que possa desenvolver suas capacidades e habilidades, mas assim como qualquer outra criança, a

criança com autismo tem o direito de estar incluída na sociedade e no ambiente escolar e que tenha os mesmos direitos de cidadania e educação que qualquer outra pessoa.

O autismo quando diagnosticado em uma criança ainda causa muito impacto na família, principalmente nos pais da criança autista, que necessitam de um período para aceitar a necessidade especial de seu filho e procurar apoio para que a criança possa se desenvolver e construir uma vida independente e autônoma. A família é de fundamental importância para a evolução da criança, pois se a família não aceita e não apoia a criança em seu tratamento, a superprotegendo e a isolando do mundo, os sintomas na criança autista tendem a agravar, diminuindo as possibilidades de a criança com autismo ter uma melhor qualidade de vida.

O processo de ensino e aprendizagem da criança autista requer que a mesma seja incluída em sala de aula do ensino regular, no qual a mesma pode desenvolver muitas das suas habilidades ao interagir com outras crianças da mesma idade e se o professor se utilizar de estratégias de ensino que possibilite o indivíduo autista desenvolver os seus conhecimentos de acordo com suas capacidades, mas que esteja em conformidade com os conteúdos ensinados a turma no geral. A criança autista também tem o direito de receber o atendimento educacional especializado (AEE) no contraturno, em que serão trabalhadas atividades específicas para suas áreas de maior dificuldade.

A educação inclusiva ainda se apresenta como um grande desafio para a educação brasileira que necessita compreender e respeitar toda a diversidade existente em sala de aula, formando professores capacitados para atender de forma igualitária à todas as crianças e que possa propiciar um ambiente de sala de aula harmônico, no qual todos tenham os mesmos direitos e deveres educacionais, somente assim conquistaremos uma educação que inclua e não exclua as crianças do sistema de educação.

Referências

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos**. - São Paulo: Atlas, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Disponível em <http://www.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica/pdf> .Acessado em fevereiro de 2011.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família** / Eugenio Cunha. – 6 ed. – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2015.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** – São Paulo: Moderna, 2003. – (Coleção Cotidiano Escolar).

MELLO, Ana Maria S, Ros de. **Autismo: guia prático** / Ana Maria S. Ros de Mello colaboração: Marialice de Castro Vatauvuk. . ___ 4.ed. ___ São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2004.